

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

JEFFERSON DE MELO SILVA

UMA COMPOSIÇÃO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ

São Paulo

2022

JEFFERSON DE MELO SILVA

UMA COMPOSIÇÃO EM EDUCAÇÃO CRISTÃ

Trabalho de aproveitamento
apresentado ao curso de pós-graduação
Fundamentos da Educação Cristã da
Universidade Presbiteriana Mackenzie
como requisito parcial para obtenção
do grau de Especialista em Educação
Cristã.

ORIENTADOR: Cláudio Roberto Quaresma Machado

São Paulo

2022

SUMÁRIO

Resumo	4
 1. Conceituando os termos	5
1.1 O fim da educação	5
1.1.1 Educação: Informal e Não formal	6
1.1.2 Educação: Formal (Escolas)	8
1.2 Os princípios “pedagógicos”	9
1.2.1 Imitação por monólogo	11
1.2.2 Didática por diálogos	12
1.3 Deixe o seu “currículo”	14
 2. Convergências e divergências	16
2.1 As esferas de soberania	17
2.2 A educação parte da cosmovisão	19
2.3 Uma hermenêutica educacional	22
2.3.1 Criação. O nascer da educação	24
2.3.2 Queda. A morte da educação	26
2.3.3 Redenção. A ascensão da educação	27
 3. A tríade estabelece a harmonia	28
3.1 A Criação e a Cruz	29
3.2 O ser holístico	30
3.3 Presença Fiel	32
 Referências	36

RESUMO

Neste breve artigo refletimos sobre alguns temas que consideramos importantíssimos, para educadores, cristãos e interessados em tópicos teológicos e filosóficos, envolvidos com cultura em geral. No seu corpo trabalhamos ideias a respeito das práticas pedagógicas e do currículo, além dos três modos que a educação se faz; formal, informal e não formal. Também pensamos a respeito das esferas de soberania, oriunda da tradição neocalvinista, além da influência das cosmovisões, desde suas origens, mostrando os seus devidos fins. Após tal panorama sobre estes temas tão profundos, mostraremos uma hermenêutica educacional, utilizando como estrutura a perspectiva teológica ‘criação-queda-redenção’. Por fim, será apresentada, em forma de metáfora, musical, a tríade que faz entoar uma harmonia para além do transitório, mas que aponta para o que é eterno. A partir de um fundamento sólido, serão enfatizados os elementos do ser holístico, e as convicções do que venha ser uma presença fiel em nossa atualidade. Sou grato a Deus, que por meio da minha família, professores e pastores, me inspirou como autor, ao que batizei de: *Uma composição em educação cristã*.

Palavras-Chave. Cosmovisão. Cristão. Educação.

1. CONCEITUANDO OS TERMOS

1.1 O FIM DA EDUCAÇÃO

Quem pode duvidar que a educação seja necessária para que os estúpidos vençam sua estupidez? Mas na realidade as pessoas inteligentes têm mais necessidade ainda da educação, porque a mente aguda, se não estiver empenhada em coisas úteis, ocupar-se-á com as inúteis, extravagantes, perniciosas. (COMENIUS, 2017, p. 75)

A esfera da educação é uma, se não a mais importante de uma sociedade estabelecida. Além dela obter autonomia no seu próprio campo de domínio, ela permeia outros ambientes, sempre influenciando mentes e moldando corações. Não tem como fugir, antes do dinheiro, antes das construções, antes de se ter a cura para doenças, cuidados com o meio ambiente, antes de se ter um discurso, deve se ter educação; é por meio dela que se propicia qualquer elaboração e restauração, e não o contrário.

Sendo assim, a educação, fundamento constituinte a vida, para sabermos ao menos quem somos e onde estamos nunca será neutra, porém, possuirá um *telos*¹, do qual tudo irá se convergir, ou nada irá se conectar. Considerando a natureza de um fio condutor no fazer educativo, do qual precede todos os produtos culturais que temos visto e ouvido em nossos contextos contemporâneos, pode-se afirmar: o fim da educação.

Este final educacional do qual se faz menção, possui uma dualidade em seu dito. Ao mesmo tempo, que a educação possui um processo, caminho e trilha para alguma finalidade objetiva, quando esta clareza se perde, ou mesmo obscurece, se finda o trabalho educativo. Logo, os ‘fins’ autodeclarados aqui, atraí o prelúdio do que realmente estamos considerando ao termo.

A educação não é a simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual também se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho. Evidentemente, isso ocorre de maneira variável, conforme sejam as sociedades estáveis ou dinâmicas. (ARANHA, 2006, p. 31)

O ponto é que a educação não é um ‘deus’, e não deve ser idolatrada por si e para si, mas sim, considerada em suas variadas vertentes. Podemos, a partir de Aranha,

¹ “A teleologia é o estudo de metas, propósitos, perfeições, fins e funções”. (COPAN et. al., 2018, p. 691). A palavra grega *telos*, que significa propósito ou fim, é o estudo dos objetivos, fins, propósitos e destinos. Na teleologia acredita-se que os seres humanos e outros organismos têm finalidades e objetivos que orientam seu comportamento.

considerar a educação como uma equação, que possui dois elementos importantes, constantes, a transmissão e a ruptura. Dizemos, que há uma tradição a ser aprendida, gerando ensino, porém existem progressos a serem realizados também, gerando aprendizagem.

Entretanto, a grande problemática relativa à educação, antes do resultado, é a sua variável fundamental, as sociedades estáveis e dinâmicas, já que dentro de cada uma ainda existirá espaços diversos, incubadoras individuais de diversos conhecimentos, do qual se incorpora alguma narrativa. “Estamos, portanto, aprendendo em cada passo, em casa, na igreja, no trabalho, no esporte, com os amigos, com o rádio, com a tevê”. (ARANHA, 2006, p. 94)

Seja em casa com os pais, igrejas e seminários teológicos com pastores e escolas de ensino médio com seus professores, de modo público ou privado, pensada como ferramenta ou objeto de análise, aonde e como for, o fato é que a educação, do latim *Educare*², se faz necessária. A seguir, veja alguns modos de conceber educação.

1.1.1 EDUCAÇÃO: INFORMAL E NÃO FORMAL

A história nos mostra que, a cada grande recorte periódico, entre fases e momentos pontuais, a educação se fez importantíssima. Este é o rastro para o qual se aponta, e ainda continuará! Analisando panoramicamente, a instrução é vista desde as sociedades Tribalistas, antes mesmo da Antiguidade greco-romana, do Medievo, Modernidade e da Contemporaneidade.

A educação nesse cenário era acessível a todos da tribo; mesmo havendo alguns que se destacavam em meio a outros, não havia privilégios para tais, estes apenas possuíam o prestígio da comunidade. Neste momento, educar era manter viva a cultura vigente, uma missão informal designada a todo clã, cuja orientação partia da fé. (SILVA, 2021, p. 15)

Mesmo antes de constituirmos modelos escolares e toda uma sistematização, a humanidade já era educada por diversos modos, e variados objetivos. Sua formação estava ligada à totalidade, do como vivemos, nos movemos e existimos. “Tendo em vista

² O termo latino *educare* é composto pela união do prefixo *ex*, que significa “fora”, e *ducere*, que quer dizer “conduzir” ou “levar”.

que a educação tem a ver com a nossa formação integral, é possível dizer que há um sentido no qual toda a nossa experiência da realidade é educativa”. (FONTES, 2018, p. 19). No alvorecer da educação não se segue uma programação rígida, ou uma estrutura estabelecida em moldes intelectuais, como vemos pós-revolução científica³. Mesmo aparentando que tudo é possível aqui, a educação se apresenta, antes de tudo, por vias informais, em nossas casas, com nossas famílias, no ambiente mais seguro, de refúgio.

A educação informal, realizada na família, como primeiro e privilegiado espaço de transmissão da cultura, também se estende no convívio com os amigos, nas atividades de trabalho e de lazer (clube, teatro, museu, locais de encontro), nos veículos de informação e entretenimento, como rádio, tevê, jornais, revistas, livros, internet (seja para acessar notícias e informações diversas, seja para conversar com amigos e desconhecidos no mundo inteiro). (ARANHA, 2006, p. 93)

Nesta ótica, a educação se estende para todos os outros contextos do qual estamos envolvidos, como nossos grupos em redes sociais, por exemplo. Ainda assim, é a família que se conservará como núcleo primeiro, o berço que revoga para si todos os direitos de primogenitura frente ao educar. Esta será sua finalidade, pois sua falta, será o seu próprio fim.

A extensão da educação primeira, é a educação que valoriza não só o espontâneo, porém se utiliza de princípios pedagógicos elementares também. Logo, se tornando bem mais intencional que a educação informal, temos a chamada educação não formal.

Na *educação não formal* os modelos de aprendizagem não se confundem com a educação formal, que é oficial e deve cumprir exigências legais, mas dela se aproximam pela intenção explícita de educar, muitas vezes usando recursos metodológicos para a sua realização. Resultam, por exemplo, da iniciativa de grupos que se empenham na alfabetização de adultos, de empresas que oferecem aperfeiçoamento de habilidades para seus empregados, de igrejas que reúnem fiéis para o ensino da religião, de comunidades que preparam jovens para o exercício da cidadania. (ARANHA, 2006, p. 94)

As comunidades que mais se exemplificam nesta característica são as igrejas. Elas são chamadas de ‘casa de oração’, devoção, mas também, de lugar para um conhecimento

³ A preposição ‘pós’ significa, o mesmo que após, ou depois de. “Vários aspectos importantes da ciência moderna surgiram na Europa durante os séculos XVI e XVII, um período muitas vezes chamado de *Revolução científica*. A narrativa tradicional enfatiza a descontinuidade e a **secularização**: a ciência moderna surgiu apenas quando a **filosofia natural** antiga e medieval foi totalmente descartada, deixando para trás as crenças religiosas com os modos de pensar mais antigos”. (COPAN et. al., 2018, p. 651)

sistêmico doutrinário, onde a fé é o meio e o fim para tal formação. Apesar desta não ser reconhecida como oficial, legal ou para exercício profissional, uma formação livre em artes ou mesmo estudo de idiomas, nestes moldes, por exemplo, são bem proveitosos para a instrução humana.

1.1.2 EDUCAÇÃO: FORMAL (ESCOLAS)

Esse tipo de educação é, certamente, posterior ao primeiro, pois exige um acervo estabelecido de conhecimentos, e uma estrutura institucional que possa validar a sua transmissão, elementos que pressupõem o nosso desenvolvimento histórico-cultural. (FONTES, 2018, p. 20)

A educação informal e a não formal não apenas precede, mas ensina de modo basilar. Antes mesmo de uma declaração clara do projeto político pedagógico⁴ que qualquer escola, laica ou confessional estruture, os ambientes de formação, lares e congregações, formam antes, pois trabalham em uma dimensão que foge às redes de ensino, espaço de educação formal.

A partir das demandas socioculturais, abrangentes e específicas, a formação foi se afastando aos poucos do núcleo primeiro, a família. Entraram em cena os mestres, e as suas habilidades.

Na antiguidade, meados do séc. VI a.C, é possível identificar alguns centros educacionais na pólis grega, onde homens livres, filhos da democracia, escravagista, podiam apreciar, com disposição, o labor educativo. “Não por acaso, a palavra grega para escola (scholé) significa inicialmente ‘o lugar do ócio’”. (ARANHA, 2006, p. 112). No medievo, meados do séc. XII, as escolas monásticas, religiosas, divergem dos interesses burgueses, secular. Além das questões que envolviam a instrução, a partir do séc. XVI, com o Renascimento, Humanismo e Reforma se propaga o terreno para o paradigma da modernidade⁵.

⁴ O Projeto Político Pedagógico (PPP) foi instituído pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB), e também pela Lei nº 9394/96, cuja obrigatoriedade foi determinada na legislação do Conselho Estadual de Educação/Deliberação 07/2000 (BRASIL, 1996). O PPP é o instrumento balizador para a atuação da instituição de ensino e, por consequência, expressa a prática pedagógica de uma escola ou universidade e de seus cursos, dando direção à gestão e às atividades educacionais.

⁵ (...) Kuhn elucida os sentidos estreitos e amplos de ‘paradigma’, que ele denomina ‘exemplares’ e ‘matriz disciplinar’, respectivamente. ‘Exemplares’ são ‘as soluções concretas de quebra-cabeças que, empregadas como modelos ou exemplos, podem substituir regras explícitas como base para a solução dos enigmas restantes da ciência

A escola não existiu desde sempre tal como nós a conhecemos hoje. Ela começou a se institucionalizar na Idade Moderna, pressionada pela passagem do modelo econômico e social do feudalismo para o capitalismo burguês e também devido à atuação das igrejas católica e protestante. (ARANHA, 2006, p. 111)

Na Modernidade temos: internatos, separação das crianças por idades, manuais didáticos e instrução pedagógica; é a ascensão das escolas contemporâneas. Tanto os católicos, interessados na evangelização com suas ordens, como os protestantes, que defendiam a implantação de escolas primárias, inserção do ensino às mulheres e a tradução da bíblia para a língua vulgar; ambos, trouxeram cores, para contrastar com a perspectiva futura, capitalista burguesa. Logo, as críticas geram tensas questões a resolver, frente à educação formal, citamos algumas delas:

- a. Ensinar os signos ou o significante?
- b. Um modelo tecnicista ou sistema acadêmico?
- c. O Estado laico é mais secular ou religioso?
- d. Seguir uma pedagogia tradicional ou moderna?

A educação formal tem como característica explicitar de antemão a sua intenção, sendo transparente ao seu *modus operandi*, tanto para os pais quanto para os alunos envolvidos. Quer dizer, que a formação prévia deve se ajustar aos critérios da formação ocorrente, onde tal movimento não deve se fazer arbitrário, pois ao ingressar em um curso, de ensino elementar ou avançado, necessário é entender o papel escolar formal para as nossas vidas.

1.2. OS PRINCÍPIOS “PEDAGÓGICOS”

A prática pedagógica⁶ é um dos braços da educação; não há como desvincular uma da outra. Na ação formativa, relação mestre-discípulo, docente-discente, professor-aluno, facilitador-colaborador, uma coisa ao menos é clara, há ‘uma forma’ de conceber saberes.

normal’ (Kuhn [1962] 1996, 175; cf. 187). (COPAN et. al., 2018, p. 560). Aplicando a Modernidade, o paradigma se utiliza das vestes do racionalismo científico, distanciando-o dos saberes da Antiguidade e do Medievo.

⁶ A *Prática Pedagógica* é entendida como uma prática social complexa, acontece em diferentes ‘espaços/tempos’ da escola, no cotidiano de professores e alunos nela envolvidos e, de modo especial, na sala de aula, mediada pela interação professor-aluno-conhecimento. Nela estão imbricados, simultaneamente, elementos particulares e gerais.

Atualmente, o modo de concepção do conhecimento tem se tornado ‘nota pedal’ nas discussões sobre o como ensinar. Na educação formal, muito se fala em metodologias ativas, como: pares produtivos, resolução de problemas, gamificação, projetos, aula invertida ou por estações. Muitas dessas maneiras, mesmo com outra roupagem, são adaptações e adequações do que muitos educadores já produziam ao longo das últimas décadas, porém, por diversos motivos, por exemplo, o declínio da sala de aula adjunto do crepúsculo do espírito estudantil, fez com que retornássemos a ênfase educacional a *práxis*.

Porém, a questão fundamental, que direciona toda a preocupação com o alunato vigente, não são os múltiplos caminhos pedagógicos, a priori, mas os fundamentos que os regem.

Embora existam dois tipos de conhecimento - o sensorial e o intelectual -, para Tomás, o conhecimento sensorial é a condição necessária para a realização do conhecimento intelectual. É o conhecimento sensorial que torna possível a atividade do intelecto na contemplação das verdades eternas. (MADUREIRA, 2021, p. 26)

(...) há também dois modos de adquirir ciência: um, quando a razão natural chega por si mesma ao conhecimento de coisas ignoradas - e a este modo chama-se “descoberta” -, e outro, quando alguém auxilia externamente a razão natural - a este chama-se “aprendizagem”. (AQUINO, 2017, p. 133)

Antecedendo, já no medievo, concepções atuais, ao consagrado pensador há dois tipos de conhecimento, e duas maneiras de adquirir ciência dos mesmos. Para Tomás, além disso, existe uma ordem, o conhecimento sensorial antecipa o intelectual. Não por acaso, assim como Aristóteles, valoriza a imaginação para a formação humana. A inteligência então, necessita de sensações 'corpóreas' para adquirir conhecimento. Sendo assim, tanto por meio das descobertas, quanto pela aprendizagem, desde que elas sejam palpáveis, encarnadas, temos uma adesão, rumo ao saber.

Geralmente, valorizamos apenas o intelecto quando falamos em ensino, e não os hábitos, aqueles que fluem de nossas práticas. Também consideramos a aprendizagem apenas mediada por um agente, como meio, e não as descobertas oriundas da razão natural. Nada mais falho, já que as experiências e a investigação são fluídos integrais de nossas vidas.

A partir desta síntese a concepção aquiniana, sobre os tipos de conhecimentos e os modos de como adquirir ciência, é que as metodologias ativas se iniciam como resposta alternativa. Elas se baseiam na ideia de que para obtermos um ensino mais eficaz é preciso corporificá-lo. Teorias soltas, sem contextos, realmente dificultam o ensino-aprendizagem, mesmo em assuntos bem simples, tornando o estudante refém dele, já que não encontra nenhum enredo no conteúdo. Ainda assim, é preciso equilíbrio, para não cairmos no pragmatismo⁷.

1.2.1 IMITAÇÃO POR MONÓLOGO

Para que possamos aprender algo, não tem jeito, é necessário praticar. A repetição nos levará a perfeição, e por isso, mesmo sendo algo rotineiro e exaustivo, se fará caminho, para que em breve se obtenha domínio e serviço, em alguma grande área. Note que, (...) “para quem ama, repetir é um prazer”. (KEMPIS, 2017, p. 143).

Nisso não há segredo algum, já que, se estou aprendendo, é devido ao ensino, que por alguma fonte, estou recebendo. “Abraçamos a repetição de bom grado, como algo positivo, em todos os setores de nossa vida - para aprimorar nossa tacada no golfe, nossa destreza no piano e nossas habilidades matemáticas, por exemplo”. (SMITH, 2017, p. 116). Não é possível uma autonomia no empreendimento pedagógico, pois, seja na aprendizagem, como na descoberta, necessitamos de precedentes para a compreensão e consolidação de algum saber. Em outras palavras, é preciso humildade aos envolvidos na atividade pedagógica, já que a arrogância, em educação, precederá sempre a ignorância.

A repetição, por alguns educadores, é tida como algo não benéfico. A autenticidade, independente da nossa realidade, se tornou corrente, quando, (...) “é necessário que aquele que ensina manifeste a verdade”. (AQUINO, 2017, p. 153).

Entretanto, equivalente à importância da repetição para a formação de competências e habilidades, os pedagogos dos lares, igrejas e escolas devem compreender que o seu monólogo, não apenas falado, ensina tanto quanto os seus discursos. A vida íntegra do mestre, a narrativa que o segue, educará por vias viscerais, transdisciplinares

⁷ Corrente de pensamento que se pauta no uso prático de uma ideia, como o princípio básico de sua verdade e êxito, tendo como fundamento os conceitos formulados por Charles Sanders Peirce (1839-1914) e William James (1842-1910).

o discípulo, pois atinge a esfera informal e não formal, além do formal. A imitação torna-se inevitável!

1.2.2 DIDÁTICA POR DIÁLOGOS

Se a pedagogia é um dos braços da educação, a didática⁸ é a sua mão. A participação envolvente de um determinado público, por meio de perguntas cruciais e interesse mútuo, regem a preparação, instrução e avaliação de todo o processo.

Devido a abertura ao diálogo, o sistema que o didático segue é aberto, já que o mesmo compreende que (...) “há um intervalo entre o momento da fala e o do conhecimento”. (AGOSTINHO, 2017, p. 111). Por meio da relação, os conteúdos são reorganizados, compassados, mas não deixam de ser realizados. Uma métrica fechada, fria e austera, não respeita a arte e a técnica dispostas no improviso que a educação, pedagogia e didática exige.

Na era dos aplicativos e plataformas de *streaming*, onde devemos sim utilizá-los, necessitamos, mais do que nunca, de clareza a respeito da transmissão, pois, “não te parece que uma coisa é falar e outra ensinar?” (AGOSTINHO, 2017, p. 87, grifo nosso).

Ensinar não é apenas falar, apesar de utilizarmos a oratória como recurso metodológico, em boa parte das vezes. Observamos que o labor educativo é mais próximo do ato artístico. Sua forma é dramática, encenada. É mais que conteúdo, mas não menos do que isso. Se por um lado, a educação dialoga com a arte, em seu modo prático; por outro lado, ela não fica menos teórica. É preciso finalidade, conceitos, hipóteses e teses; e daí o amparo científico. Nenhum educador deve estar desarmado nesse sentido.

Nem em relação ao que se ensina, muito menos do como se está ensinando. É preciso arte, mais ciência. Com esses dois horizontes sempre em mente a educação não gera apenas difusão, mas parte de uma. Ela advém de princípios, levando a uma finalidade.

⁸ Quem tem a missão de formar os jovens têm o dever de conhecer o fim, a matéria e a forma da disciplina, para não ignorar por que, quando e como convém deliberadamente ser severo. (COMENIUS, 2011, p. 311). Didática é a difusão entre ciência e arte, pois ela vive a partir de ambos. Para sermos hábitos aqui, didáticos, é preciso seguir a expressão de Comenius, pois devemos conhecer o fim, a forma, o conteúdo, e os momentos de ser rigoroso.

Logo, necessitamos de uma reconciliação, de uma forma de ensino-aprendizagem que aflore o imaginário, que compreenda os anseios do coração, sem ignorar o pensamento intelectual. Para tais princípios, é preciso fixar um modelo, e imitar; após a repetição minuciosa, dialogar. Seja na educação informal, não formal ou formal, em casas, igrejas ou escolas, um conceito é claro, (...) “por trás de toda pedagogia, há uma antropologia filosófica”. (SMITH, 2019, p. 43, grifo nosso). A partir desta sentença, acredito que estes são três princípios essenciais para o exercício pedagógico a seguir.

- a. Partir e retornar a realidade: Este princípio pode parecer óbvio, mas por vez, precisa ser retornado e esclarecido. Mesmo os saberes mais transcendentais, competências filosóficas e habilidades matemáticas necessitam partir e voltar para realidade. A realidade traz perspectiva à educação, mas quando nos distanciamos dela, afastamos o sentido do ensino. Isso não quer dizer que devemos trabalhar apenas aspectos imanentes, evitando a imaginação, longe disso. O ponto é, que mesmo nesses meios, no mundo das ideias, devemos pousar no aqui e agora.
- b. Considerar os vínculos afetivos: Podemos até questionar se há uma aprendizagem significativa em ambientes que desconsideram os vínculos e afetos. O envolvimento, é condição necessária para melhor aproveitamento daquele que ensina, e aprende. As escolas devem, ao seu modo, imitar o vínculo familiar, expressando valor ao indivíduo, reconhecendo-os como importantes.
- c. Beleza e a verdade, todos os dias da nossa vida: Em todos os lugares, em todos os momentos, enraizadas em nossas entranhas o belo e verdadeiro. Se não procurarmos viver nesses valores, como os expressaremos? O educador, do contexto que for, deve propor, como princípio pedagógico elementar voltada a harmonia, as normas.

1.3 DEIXE O SEU “CURRÍCULO”

O currículo, do latim, *scurrere*⁹, não é apenas um documento orientador, a ser seguido intuitivamente, mas sim um marcador, que a comunidade considera como conteúdos ensináveis para o seu tempo e espaço. O intuito é a apresentação dos tópicos, mas como numa moeda que possui face dual, o currículo exige mais que descrição, pois aguça a interpretação.

Característico da educação formal, os guias de aprendizagem dos magistrados tornam-se como mapas de esperança a inúmeros jovens. A agenda cumprida pelos profissionais está intrinsecamente ligada às sínteses que os mesmos fazem da cultura, sociedade e política, ainda que não ensinem sobre os mesmos, sua percepção moldará a sua visão. “Ele não trata apenas de conteúdos formais, o currículo conecta-se a valores culturais, sociais e políticos, ao saber e ao fazer, o que chamamos de habilidades. Em linhas gerais, é tudo aquilo que acontece na escola de maneira formativa”. (SILVA, 2021, p.48). O MEC¹⁰ procurará uma concentração de saberes a serem adquiridos por toda nação, o que chamamos de conteúdos mínimos a serem ensinados, onde todas as escolas institucionais devem, por lei, se submeter a estes assuntos. Deveres do educador e direito do educando.

“Será que deixamos de perceber que, quando tentávamos entretê-los, nossos jovens esperavam que o formássemos”. (SMITH, 2017, p. 199). Os aprendizes carecem de formação sólida, que transpasse todas as possíveis dimensões. Quanto a isso, para fugirmos de entretenimentos, que apesar do seu lugar, custam caro a educação formal. O currículo deixa claro a todos o que deve ser feito, os objetivos a serem alcançados, facilitando, por vezes, a tendência à fuga dos temas centrais à vida.

⁹ traz a ideia de correr, no sentido do curso. Nesta corrida em direção ao curso, temos diversas etapas; e por isso se faz necessária uma sequência didática que objetiva uma cosmovisão de mundo e também sobre o ser humano. (SILVA, 2021, p.48)

¹⁰ Somente em 1995, no governo Fernando Henrique Cardoso, a educação passou a ser atribuição exclusiva do Ministério, embora tenha sido mantida a sigla MEC, criada em 1953. O Ministério da Educação, órgão da administração federal direta, tem como áreas de competência a política nacional de educação; a educação infantil; a educação em geral, compreendendo ensino fundamental, ensino médio, educação superior, educação de jovens e adultos, educação profissional e tecnológica, educação especial e educação a distância, exceto ensino militar; a avaliação, a informação e a pesquisa educacionais; a pesquisa e a extensão universitárias; o magistério e a assistência financeira a famílias carentes para a escolarização de seus filhos ou dependentes.

Sacristán (2000) expõe algumas camadas ou níveis do currículo, observe abaixo:

- I. Prescrito: Este nível está ligado às políticas educacionais, que modelam e descrevem os documentos oficiais como BNCC, Currículo Paulista etc.
- II. Apresentado aos Professores: Este é o modo interpretativo que mediadores fazem entre o escrito e o entendimento do texto escrito; o mediador pode ser livros ou pessoas, que dizem como deve ser feito ou explicado o conteúdo.
- III. Moldado pelos Professores: Estes devem ter total autonomia de como irão expor as habilidades dos conhecimentos prescritos, para que se venha a integrar sentido e significado dentro de sua proposta.
- IV. Em ação: Neste momento é a prática, que bem se sabe, pode sair até naturalmente do script. É aquilo que realmente se transmite aos discentes.
- V. Realizado: Aqui seria o pós-aula e as observações entre os III e IV itens, com suas relações e objeções que devem estar claras ao docente.
- VI. Avaliado: A conclusão do processo deve se dar pelo momento de análise do professor mediante seus alunos, já que avaliar não é apenas dar menções, mas também estar atento aos diversos modos de aprendizagem diante da classe.

O autor, cirurgicamente, revela aquele que jamais deve ser deixado pelos educadores, mostrando as diversas facetas do que temos como currículo, um dos documentos mais importantes, onde seu conjunto de elementos não se faz apenas de modo prescritivo. Atentamos as diferenças, entre o que está escrito e o que foi entendido, a hermenêutica daquele que ensina. Difere também, o que é moldado pelos professores (antes) o que é posto em ação (durante), e o realizado (depois), concluído sempre por uma ferramenta avaliativa. As várias ações aqui apresentadas, orbitam, de modo que, são impulsionadas e atraídas ao estabelecido currículo.

O currículo deve nortear o trabalho do professor, mesmo que ele tenha toda a liberdade de formalizar e proceder da maneira que julgar melhor em suas aulas.

O currículo funciona como uma bússola, sempre apontando a direção a ser seguida, com o objetivo de atingir as competências e habilidades dos alunos; porém, as trilhas a serem seguidas são de total responsabilidade do docente. (SILVA, 2021, p. 49)

2. CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS

Religião não é somente uma atividade privada: o Senhor quer que a sua lei permeie todas as dimensões da experiência de seu povo. Suas palavras devem moldar a vida pessoal de cada indivíduo. Elas devem moldar os pensamentos e ações de todo o seu povo, todos os dias de sua vida. A Torá reivindica tanto a vida familiar quanto a vida pública. (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017, p. 94)

Temos uma hipótese, a de que o jovem é formado por diversos ambientes. Isso significa que ele precisa integrar os conhecimentos, afetivos e intelectuais adquiridos, seja em casa, igreja, ou até mesmo na escola. Ambas as categorias educam, recebem influências e influenciam. Chamamos de categorias aqui esses espaços variados, onde as suas formas e conteúdos apontam para algum desígnio; eles logo se tornam terreno para a fomentação de sentimentos e pensamentos sobre um anseio maior, projeto de vida, do qual todos nós não escapamos. “O ser humano, poderíamos dizer, é desejar o reino - algum reino”. (SMITH, 2017, p. 31).

Este é um dos pontos, do qual a nossa humanidade converge, o anseio por uma boa vida. Todos os nossos passos no tabuleiro da existência são antecipados pelas vontades de nosso coração. Apesar disso, é no campo da imaginação que começa a germinar qual será a nossa conduta. Tudo que estamos aprendendo, nos diversos centros, em meio a nossa peregrinação, se afirma como sementes do reino desejado, da qual em boa terra, brevemente florescerá.

É a partir daí que as divergências se tornaram notadas, e os universos são apresentados, como por exemplo, a ‘pedagogia encarnada’, onde Cristo se torna presente, na forma e no conteúdo do ensino-aprendizagem. Neste modo ímpar de fazer educação as múltiplas percepções de mundo se classificam, já que aqui, o homem como medida de todas as coisas é contraposto, pois a educação genuinamente cristã começa, é mediada e termina em Jesus, independente do contexto vigente.

Isso significa que, para aqueles que são crentes no filho de Deus, e fundamentam sua existência em sua Palavra, toda a sua vida, privada e pública, terá como fonte vital as

escrituras. O reino desejado para os discípulos do homem da cruz é bem claro, ele se faz no futuro. O que precisa ser por vezes lembrado é que na tensão entre o já e o ainda não do nosso Senhor, seu senhorio deve ser afirmado, e nossa cosmovisão e interpretação, de modo guiado, reorientado, no presente, aqui e agora!

Educar para sobreviver, viver ou transcender são questões irrevogáveis, e na tentativa de respondê-las não há espaço para a mitologia da neutralidade, pois será necessário apresentar os pressupostos para uma sincera resposta ao problema. A pergunta crucial que o capítulo vigente procurará trabalhar é: Sendo as famílias fonte primária, a igreja uma organização distintamente “religiosa”, e o estado definido como “laico¹¹”, as escolas devem assumir um caráter totalmente “secular¹²”? Onde está o *télos* do programa, e dos profissionais que os desenvolvem?

No final das contas teremos que partir, e apontar para onde queremos chegar; e as alternativas dadas estão resumidas. Ser orientado por uma perspectiva da cidade de Deus, mesmo fazendo parte da cidade dos homens, ou se entregar totalmente de uma polis completamente secular.

2.1 AS ESFERAS DE SOBERANIA

Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito sobre toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a supremacia. Pois foi do agrado de Deus que nele habitasse toda a plenitude, e por meio dele reconciliasse consigo todas as coisas, tanto as que estão na terra quanto as que estão no céus, estabelecendo a paz pelo seu sangue derramado na cruz. (BÍBLIA, Colossenses, 1, 15-20)

Como imaginamos as estruturas, quais já nascemos envolvidos? As famílias, as escolas e as igrejas, por exemplo. A forma como os percebemos em nossa volta, seus princípios, objetivos e valores, o modo como lidamos com cada uma delas e as demais

¹¹ A laicidade do Estado não é nomeada explicitamente, mas está obviamente implícita no texto constitucional. Ela é a base filosófica do regime de liberdade religiosa. O estado laico é aquele que se situa fora de toda obediência religiosa e deixa no setor privado as atividades confessionais. (LAGO, 2018, p.141)

¹² O uso popular transmite principalmente um significado negativo, destacando o fato de que a perspectiva religiosa, especialmente cristã, da vida está perdendo sua influência nos países ocidentais modernos por causa de um processo de secularização que enfatiza aquilo que é “não religioso”, como o consumismo, a disseminação da **tecnologia** e um estilo de vida material - em suma, coisas “desse mundo”. (COPAN et. al., 2018, p. 666)

instituições, trará toda uma perspectiva sobre o direcionamento do nosso coração em relação a nossa vida.

Se partimos da ideia de que esses núcleos são criações não hierárquicas, mas esferas com o mesmo tom de importância, onde cada uma tem um papel, em harmonia entre as outras, complementando-as, utilizaremos uma linha de raciocínio da tradição neocalvinista¹³, para o que chamamos de “As esferas de soberania”, da qual Abraham Kuyper, Herman Bavinck e Herman Dooyewaard formam o trio de principais pensadores desta corrente.

Apesar das diversas áreas de atuação que estes homens exerciam, foram conhecidos pelo exercício de suas vocações específicas. O primeiro, fundador, foi um estadista, tornando-se até primeiro-ministro de seu país. O segundo foi um dos grandes teólogos da Holanda, formulando substancialmente em sua teologia sistemática o tripé ‘criação-queda-redenção’. Já o terceiro é conhecido como filósofo, trabalhando, principalmente, as concepções pré-teóricas do coração, com a qual as definições de cosmovisão recorrentemente tangência.

Para eles, que consolidaram o conceito, “(...) o Deus trino é considerado pela tradição como soberano, criador e ordenador da realidade cósmica - evidentemente levando em conta que a divindade se acomodou e tornou seu Ser cognoscível na forma da trindade”. (NOVAIS, 2022, p. 82). Logo, a supremacia de Cristo se faz com raiz para o desenvolver deste conceito, que implica em diversas dimensões, como a educação, nosso foco aqui.

O que precede as esferas de soberania é o Deus soberano, revelado em Cristo Jesus. Não há nenhuma possibilidade de adequar a ideia excluindo aquele que é antes de todas as coisas, do qual tudo fez subsistir. A sustentação advém do projeto celeste da reconciliação de todas as coisas, por meio do sangue derramado na cruz.

Sendo assim, entende-se esferas de soberania como criação, onde uma possui autonomia relativa entre as outras esferas, mas não à Deus. Cada uma pode possuir

¹³ Para um panorama abrangente, ouça: BIBO, Rodrigo; DULCI, Pedro. Abraham Kuyper: Biografia, Neocalvinismo e Esferas de Soberania. 2020. Disponível em: <[Abraham Kuyper - BTCast 359 | Bibotalk](#)>. Acesso em: 25 set. 2022.

princípios, valores e objetivos comuns, mas não necessariamente equivalentes. Assim uma não deve engolir a outra, pois existem limitações traçadas entre elas. Por exemplo, a esfera do governo não deve intervir na esfera da família ou da igreja. Discorrendo, ela não deveria controlar a esfera da educação, as escolas, muito menos sem o consentimento das mesmas. Percebe-se que elas devem ser independentes do estado, qual muitas vezes se perde em sua real função e bruscamente procura controlar todas as esferas da realidade, por si e para si.

Em resumo, não é possível quantificar as esferas em nossa volta, mas apenas dizer que elas devem se manter por meio do serviço, equilibrando os descompassos do qual nos faz aproximar com ideais totalitários. Este seria o seu maior bem, o motivo base, que avesso a concepção de esferas de influência e domínio, procuram restaurar a ética radical, o cuidado ao próximo, a partir de onde já estamos.

2.2 A EDUCAÇÃO PARTE DA COSMOVISÃO

Em um mundo de possibilidades, uma se faz instável, a questão da neutralidade. É possível, diante de algum espectro da vida, estarmos isentos de inclinações, ou mesmo de crenças? Mesmo que as influências culturais e concepções pré-teóricas do inconsciente não gerem uma prática devocional, acredito que ambos influenciam a nossa realidade com força. À luz da Escritura, então, talvez fosse melhor dizer: “creio, penso e ajo, logo existo”. (SIRE, 2012, p. 9).

Uma fonte se difunde ao que pensamos e agimos, e ela se chama crença. Veremos que ela precede toda a maneira de como percebemos a existência, e mais, como ela tem poder decisivo, tornando a ideia da neutralidade em relação às coisas, impossível.

Penso ainda que a crença religiosa tenha a influência singular mais decisiva sobre o entendimento de todos em relação aos maiores temas da vida, permeando a totalidade do espectro da experiência humana. Ademais, creio que ela exerce tal influência sobre as pessoas independentemente de sua aceitação ou rejeição consciente das tradições religiosas com as quais estejam familiarizadas. (CLOUSER, 2020, posição kindle 147)

Então, nós cremos. Somos religiosos, mesmo que negamos esta verdade. Ao nosso pensar e agir, em relação à experiência, estão os compromissos mais fundacionais. Tais anseios revelarão o que consiste em cada fazer pedagógico, pois “a educação não é

processo neutro, mas se acha comprometida com a economia e a política do seu tempo”. (ARANHA, 2006, p. 33).

Isso significa que teorias sobre matemática e física, sociologia e economia, arte e ética, política e direito, nunca podem ser religiosamente neutras. Cada uma delas — e todas — são reguladas por alguma crença religiosa. É dessa forma que os efeitos das crenças religiosas estendem-se para além da oferta de esperança para a vida após a morte, ou da influência sobre valores e juízos morais. Ao controlarem a produção das teorias, elas ocasionam diferenças importantes na interpretação dos temas que abrangem a totalidade da vida. (CLOUSER, 2020, posição kindle 218)

Nesta teia de relações, nada se ensina ou é aprendido de um construto isento, ou neutro, temos não somente juízos morais envolvidos sobre o educar (porque), mas também a esperança (para que), e a interpretação (a partir de que) como fluído de uma cosmovisão.

Mas o que é cosmovisão, ela é tão importante assim, que faz abalar toda a nossa existência? Vamos investigar a sua origem a partir de seletas concepções, antes de trazer uma definição, da qual pensamos qualificada e que norteará a nossa interpretação no fazer educacional.

O termo é uma tradução do alemão Weltanschauung e foi usado pela primeira vez por Immanuel Kant (1724-1804), mas só de passagem. No idealismo e romantismo alemão, foi amplamente usado “para designar um conjunto de crenças que fundamentam e moldam todo pensamento e toda ação humana”. (SIRE, 2012, p. 23)

A partir do cunho de Kant e a utilização abrangente de crenças que fundam e moldam o pensar e agir humano, a concepção de cosmovisão foi desenvolvida por outros estudiosos importantes, como Wilhelm Dilthey que (...) “concebe cosmovisão como um conjunto de categorias mentais resultantes da profunda experiência de vida que determinam essencialmente como uma pessoa entende, sente e responde ao que percebe no mundo à sua volta e aos enigmas que ele apresenta”. (SIRE, 2012, p. 26).

Os traços psicológicos da cosmovisão começam a aparecer, mas é em Dooyeweerd, já citado acima, que a percepção extremamente religiosa ganha perspectiva. Ele entende que as (...) “cosmovisões não são sistemas filosóficos; antes, são compromissos pré-teóricos, e estão em contato direto não tanto com a mente como com o ‘coração’, com a experiência, com a vida como ela é vivida”. (SIRE, 2012, p. 35).

Ainda, seguindo as palavras de David Naugle, (...) “as cosmovisões brotam da totalidade da existência psicológica humana, intelectualmente na cognição da realidade, afetivamente na valorização da vida e volitivamente no exercício ativo da vontade”. (SIRE, 2012, p. 23).

O ponto é que, em meio a tantos refrões, como podemos sintetizar esta pequena palavra que representa tanto? Em suma, (...) “é a perspectiva fundacional a partir da qual uma pessoa aborda todas as questões da vida”. (SIRE, 2012, p. 23). Definindo de forma ainda mais completa:

Essencialmente, cosmovisão é um conjunto de pressuposições (suposições que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou totalmente falsas) que sustentamos (consciente ou subconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a constituição básica de nosso mundo. (SIRE, 2012, p. 19)

Após esta trilha histórica a respeito de variados modos de compreensão sobre cosmovisão, percebe-se que a neutralidade se faz ingênua em nossa maneira de viver. Mesmo inconscientes haverá um proceder que nos motiva, e ignorar isso é ir contra a natureza humana. Aqui, para os devidos objetivos, pensamos juntos, qual seria a aplicação da cosmovisão para a educação? Será ela total, ou melhor, integral?

Pensamos que sim, pois a educação tem origem na cosmovisão. Porém, o que importa a nós não é somente mostrar, mas indicar um possível caminho. Dentre as particularidades, das inúmeras cosmovisões que norteiam os modos de educação existentes, bom seria obtermos uma que nos orientasse, que trouxesse mais virtudes do que vícios. Uma que estivesse mais conectada com os provérbios do rei Salomão, invés do mundo líquido, conforme identificado por Zygmunt Bauman.

Para isso, é preciso atender o nosso compromisso pré-teórico, ou o chamado pressuposto. Se faz necessário, há todos nós, para tal efeito, ser sincero com aquilo que consideramos em última instância verdade. Para os que são cristãos, vale seguir esta concepção:

Tomás de Aquino e João Calvino, por outro lado, tomaram a noção de Deus como uma percepção direta da existência de Deus, uma noção não mediada pela sociedade ou necessidades psicológicas. (...) Nesse sentido, a crença em Deus é como nossa crença que dois mais dois é igual a quatro. Nós apenas “vemos” que é assim. (SIRE, 2012, p. 78-79)

Esta noção tomada por Aquino e Calvino, transpõe a ideia de que a crença é algo a ser ignorado no labor educativo. A título de curiosidade (...) “os antigos pitagóricos consideravam $1 + 1 = 2$ como uma crença religiosa”. (CLOUSER, 2020, posição Kindle 346). Em síntese, queremos dizer que, a nossa crença em Deus é advinda diretamente de um senso divino, e não substrato de um imaginário social. É uma certeza única, consolidada, matemática.

Contrapondo tanto os abusos, que algumas cosmovisões podem aderir por seus radicalismos, e a apatia, que outras, podem recorrer por sua comodidade, a cosmovisão cristã, prática privada e pública, traz uma maneira própria, única, de não só ler, porém, interpretar o ser humano e o mundo. Assim, temos a necessidade de uma hermenêutica para a educação.

2.3 UMA HERMENÊUTICA EDUCACIONAL

A leitura é uma ferramenta importante, da qual devemos promover tal exercício, estendo a todas as esferas da vida, sempre que possível. Apesar disso, não será somente lendo que uma transformação de mente, e um coração acalentado se formará. Se ler é importante, interpretar o que se está lendo torna-se essencial. Em uma realidade que o analfabetismo funcional tem estabelecido seu império, devemos ser uma resistência objetiva, não apenas lendo, mas também, interpretando.

Leitura é condição necessária à prática da doutrina e devoção daqueles que são cristãos. Desde as ênfases dada pelos reformadores Martinho Lutero¹⁴, sobre a importância da Bíblia ser traduzida, lida e compreendida por pessoas comuns; e João Calvino¹⁵ com seu núcleo de formação, Academia de Genebra, o livro sagrado assumiu o

¹⁴ Martinho Lutero (1483-1549) teve uma formação rigorosa. Em contato com a ordem dos agostinianos, se tornou monge aos 21 anos. A reforma de Lutero estava totalmente comprometida com a doutrina da justificação, e suas implicações. Doutor em Teologia e professor universitário, inconformado com o que via, principalmente as “vendas de salvação”, declarou: “O justo viverá pela fé!”. Porém, ele não focava apenas na reforma da igreja, mas também da sociedade. Lutero era conservador, em relação a outros reformadores, e por isso ele era considerado um “homem medieval”. Entretanto, isso não significa que ele era “retrógrado” e que partiu do “obscurantismo”.

¹⁵ No meio da nova dinâmica emergente para a sociedade e o pensamento europeus, o reformador João Calvino (1509-1564) tornou-se uma das vozes mais significativas e duradouras do início da era moderna. Como pastor e palestrante na cidade de Genebra por quase metade de sua vida, a teologia de Calvino se desenvolveu enquanto ele pregava, lecionava e publicava copiosamente. Seus escritos, particularmente as *Institutas da religião cristã*, relacionavam o tema do cristianismo e da ciência em vários aspectos notáveis. Em consonância com a mentalidade medieval, Calvino considerava os ramos das artes liberais como as ‘servas’ da teologia, e advertiu contra elevá-las ao nível de ‘amante’. (COPAN et. al., 2018, p. 77)

papel de bússola para todo empreendimento educacional posterior; tornando o ler, interpretar e aplicar caminho obrigatório para a vida.

Essa leitura, só pode ser feita por quem de algum modo já é alfabetizado, pois somente assim a instrução se tornará mais eficaz, após o conhecimento das palavras, símbolos e significados. A leitura e interpretação são tão importantes que não começam e findam apenas nos livros, ela se envolve com a nossa vida integral. Lemos toda hora, e interpretamos esta leitura.

Para aqueles que procuram, assim como os reformadores citados, aplicar seu entendimento à prática, uma mente bíblica é inevitável. Pois, são as verdades eternas que conduzirá a ação, e não a nossa inteligência, ela não é nada em relação a revelação dada por Deus. É preciso, não só a ferramenta e o objeto, ou leitura e interpretação. É preciso a palavra de Deus como centro de todos os nossos procedimentos e esferas, até mesmo o educacional. Este é o fio condutor restaurador, não só para as igrejas, mas para os lares e também escolas. Precisamos de uma hermenêutica¹⁶ que, ao invés de revolucionar, reformule todo o nosso ser. Esta é uma alternativa aos que não abraçaram o secularismo, mesmo vivendo neste século.

Antes de propor uma perspectiva educacional, lembro que a cosmovisão é preponderante para tal efeito. Veja, o tradicional livro Manifesto Comunista de Karl Marx e Friedrich Engels, por exemplo, que declara em alto e bom som as suas diretrizes. A partir daí, temos os seus desdobramentos. Pensemos que “a fórmula é genial: mude a linguagem e você mudará o eu e a sociedade”. (SIRE, 2012, p. 68). Não temos interesse em desconstruir os argumentos marxistas aqui, e toda a linguagem que foi construída a partir do mesmo. Apesar de pouco concordar com esta cosmovisão, que tanto influencia a educação, pretendemos apresentar de forma concisa uma maneira diferente de conjecturar a educação.

¹⁶ A palavra *hermenêutica* é uma derivação da palavra grega *hermeneutes*, que significa 'intérprete'. Desde a Idade Média, o termo *hermenêutica* esteve intimamente ligado à formulação dos princípios destinados a produzir uma interpretação válida da Bíblia. Mais recentemente, seu significado se expandiu para denotar o estudo das teorias e dos métodos envolvidos no estudo de textos em geral. Tornou-se um método de interpretação cujo objetivo é compreender a mente do autor e, portanto, identificar sua intenção - significado específico que o autor transmitiu ao texto em questão. Recentemente, o conceito de texto foi ampliado além dos textos escritos ou orais para incluir objetos como filmes, arte e outras coisas que podem ser tratados como textos e, portanto, sujeitos a interpretação. (COPAN et. al., 2018, p. 386)

O caminho edificante da sabedoria não é ler uma porção diária de provérbios, uma estratégia que persiste na fragmentação do texto, mas é, em vez disso, apreciar o grande quadro da Bíblia - a visão da Criação, Queda, Redenção e Consumação - que funciona como o imaginário do discípulo bíblico e produz uma maneira de viver dedicada à admiração, amor e ao louvor. (VANHOOPER, 2022, p. 123-124)

O teólogo Bavinck, já citado acima, nos presenteou com uma concepção bíblica elementar, a tríade criação-queda-redenção, que funcionará para nós como uma estrutura de linguagem. Esta chave de leitura e interpretação é muito comum nos círculos religiosos ao tratar a narrativa bíblica em seus pontos centrais. Em síntese, como resumo do plano da salvação.

A questão é que acreditamos ser possível pensar em aplicações para outras esferas por meio deste método. Não que ao fazer esse movimento seremos mais ‘espirituais’ somente, mas penso, que seremos bem mais coerentes e beneficiados. Com começo, meio e fim; em um grande quadro em perspectiva, invés de inúmeras fragmentações e rupturas, uma lógica. Veja a seguir as etapas.

2.3.1 CRIAÇÃO. O nascer da Educação

Parafraseando o discípulo do amor, creio que o evangelista João diria aos educadores atuais: *“Eu sou o currículo, a pedagogia e a vida”*.¹⁷ O nascer da educação começa no momento em Deus começa a revelar quem Ele é, por meio do seu fazer e falar. “No princípio, Deus - não a filosofia, a religião, a natureza, a ética, a inteligência, nem mesmo a igreja. Uma teologia evangélica começa no princípio, com o discurso e a ação de Deus”. (VANHOOPER, 2016, p. 43).

Importante a este momento é lembrar que a educação é uma das esferas de soberania, e isso significa que ela deveria estar de algum modo ‘livre’ das influências particulares, tanto de governos, como também de igrejas. Não quero dizer que ela não parte de uma cosmovisão, já defendemos essa ideia, porém, que o currículo e a pedagogia deveria ser o próprio Deus, aquele que nos deu o dom da vida. Não se pode começar com uma esfera direcionando outra, mas sim com o diretor do universo, regendo, harmonizando, toda realidade criada.

¹⁷ Livre paráfrase do Evangelho de João, 14, 16.

Sendo assim, não somente a teologia evangélica, mas todo empreendimento que possui uma cosmovisão oriunda da bíblia, genuinamente cristã, terá que assumir que somente a partir da criação divina é que se pode pensar nas áreas da vida, como a educação. Atentamos então ao Deus-mestre, ao seu discurso e ação, a fim de sugerir alguns pontos, de onde começa a educação, já que (...) “A própria ciência nasceu da cosmovisão cristã, que sustenta que o universo é ordenado porque um Deus onisciente e onipotente pretendeu criar um mundo que refletisse a sua própria inteligência”. (SIRE, 2012, p. 157).

A percepção do Mundo e a singularidade de quem somos tem origem no que Deus faz e fala. As ditas ciências humanas, ciências da natureza e as formas de linguagem só podem possuir sentido e real significado se o criador, a criatura e as coisas criadas estiverem no seu lugar. Seguindo o relato criação (Gênesis 1-2), e o princípio de que o que conhecemos é dado por meio da revelação (Deuteronômio 29, 29), a educação nasce quando:

- a. O caos é ordenado.
- b. Abraçamos os nossos limites.
- c. Cumprimos o mandato cultural e o sacerdócio real.
- d. Agradecemos pela graça comum¹⁸.

Nós já estamos envolvidos com todos estes pontos, não sendo necessário uma introdução ou uma reivindicação para intervenção. O caos é visto por toda a parte, e quando ele é organizado, compreendemos que a educação está sendo iniciada. Quando reconhecemos nossos limites, e cumprimos o mandado de gerar cultura, servindo uns aos outros como Jesus, estamos produzindo educação, seja por meio da fala ou das nossas ações, por vias informais, não formais ou mesmo formais.

¹⁸ Podemos definir graça comum da seguinte maneira: *Graça comum é a graça de Deus pela qual Ele dá às pessoas bênçãos inúmeras que não são parte da salvação.* A palavra comum aqui significa algo que é dado a todos os homens e não é restrito aos crentes ou aos eleitos somente. Diferentemente da graça comum, a graça de Deus que leva pessoas à salvação é muitas vezes chamada “graça salvadora”. Naturalmente, quando falamos a respeito da “graça comum” e da “graça salvadora”, não estamos sugerindo que há duas diferentes espécies de graça no próprio Deus, mas apenas estamos dizendo que a graça de Deus se manifesta no mundo de duas maneiras diferentes.

2.3.2 QUEDA. A morte da Educação

Seja na esfera pública ou privada, é notável perceber a morte da educação. Esta que começa nos atos criativos de Deus, mas que se mancha, todas as vezes que a obra toma o lugar do seu criador. “Para o pedagogo norte-americano John Dewey, o processo educativo é o seu próprio fim”. (ARANHA, 2006, p. 32)

Dewey, é um crítico das formas educacionais "conservadoras", e faz um diálogo ferrenho entre escola, sociedade e democracia, aflorando uma "pedagogia pragmática". Quando a educação se torna um fim em si mesmo, conforme afirmação de Aranha a partir do seu pensamento, temos um efeito claro, pois enquanto o *télos* educativo é esquecido, mostra-se sempre presente, em qualquer modalidade educativa, uma perda.

John Taylor Gatto, escreveu em seu livro ‘Emburrecimento Programado’, sete lições que inúmeros professores ensinam aos seus alunos, e potencializa a questão aqui presente. São elas: confusão, posição de classes, indiferença, dependência emocional, dependência intelectual, autoestima provisória e que não é possível esconder-se. O autor escancara situações complexas, que precisam ser resgatadas, indo das incoerências, fragmentações, falta de sentido, até a não participação, interesse e desejos dos alunos.

Aqui só há espaços para o ‘formal’. Sendo bem acessível, o autor mostra algumas camadas do currículo escolar atual, e a sua cosmovisão: “A lógica do pensamento escolar é de que é melhor sair da escola com um kit de jargões superficiais derivados da economia, sociologia, ciências naturais (e assim por diante) do que com entusiasmo genuíno por um assunto”. (GATTO, 2017, p. 42). Ilhas de saberes, diversas, sem nexos.

A morte da educação não é advinda apenas da cultura secularizada, e sua perspectiva de ser humano, qual influencia as escolas contemporâneas, e alimenta uma série de problemáticas, como: a desvalorização do docente, o divórcio entre as experiências e o conhecimento e um currículo sem vida. Apesar disso, ao olhar para a agora não podemos nos esquecer da história passada, que contribui para a atualidade.

Em nosso país, por exemplo, demorou para entrar em vigor um plano de educação a nível nacional. Durante séculos, não se tornou uma preocupação primária. A influência distintamente religiosa dominou os espaços públicos, mas pouco direcionou a nossa

estação educativa para além dos seus círculos. Com o viés de projetar a longo prazo, divergindo de uma formação instantânea, muitos se tornam atores, culpados, pois é possível termos alta declarações de um ensino para a glória de Deus, e ainda assim, nem sequer estar entre os melhores centros educacionais. “Diálogo e antítese são condição de possibilidade de um para o outro na visão de mundo cristã”. (DULCI, 2018, p. 191).

Diante dessa situação, desconsideramos a percepção singela, angelical e demoníaca, ao falar da educação. Nosso olhar deve ser analítico diante da Queda, pois é preciso diálogo e antítese para viver é transcender, e não uma aversão ao mundo, buscando apenas sobreviver. Se a era secular aflorou a desgraça, nós, os religiosos, se distanciando da obediência a Deus, escancaramos as portas e convidamos a morte para dançar. Flertamos com ela, e ao nos reafirmarmos como indivíduo, e não personagem, se perdemos em todo o enredo.

Em geral, a autonomia deliberada rompe os limites, e gera um campo de batalha educativo, disputas que contrapõem a soberania de Deus, e de algum modo, traz os benefícios de seu Reino. Necessário é uma restauração.

2.3.3 REDENÇÃO. A ascensão da Educação

Um contra-argumento para a educação morta, que diz que “a curiosidade não é importante no meu trabalho, apenas a conformidade” (GATTO, 2017, p. 47), parte do retorno à criação. Uma educação que só aceita de bom grado o que está estabelecido e não causa espanto, acaba se tornando deficiente. Para resgatar, e acender a educação contemporânea, evitando extremismos ideológicos, oriundos de variadas cosmovisões, precisamos reviver a ética radical de Jesus, o amor. Sua encarnação traz nos ares ao lermos tais citações.

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (LDB, 2020, p.8).

(...) educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, Art. 205).

Em dois de nossos documentos mais importantes, a educação é descrita com os

adjetivos, processo, direito e dever. Percebam que em ambos a educação informal e não formal também apresenta destaque. Isto mostra que as estruturas da educação, até mesmo a formal, necessita de algo mais, qual os gregos antigos chamariam de Paidéia¹⁹. Aos seguidores do Cristo ressurreto, o sotaque de tal conceito se faz por meio da sua revelação de amor. A estes o conhecimento, não é dado aqui e agora (...) “pois não aprende por minhas palavras, mas pelas coisas mesmas que Deus lhe manifesta interiormente”. (AGOSTINHO, 2017, p. 103).

3. A TRÍADE ESTABELECE A HARMONIA

Em música, quando estamos a construir melodias, sensações penetrantes por meio de experiências, procuramos mais do que somente a performance, mas os rudimentos que nos levam a ideia da harmonia.

O improviso aqui, só é possível se conhecemos a tonalidade ao menos, e mesmo assim se faz necessário repertório, para a utilização de diversas escalas musicais, adjunto a técnicas específicas a um determinado instrumento. Para uma música ser construída, antes de sua apresentação, da qual, aqueles que apreciam tal arte irá se ater, prestar atenção; a forja é estabelecida por um conjunto de tríades²⁰.

Focamos então ao que antecede os púlpitos e os palcos, os sermões e as canções. Ficamos com a tríade, que estabelece a harmonia. O acorde, composto por três notas demonstra as possibilidades, mas, mesmo assim, não finda todas as combinações e arranjos, já que a tríade tem a ideia de orientar em momentos determinados. Em outros instantes, é preciso outros, que logo estariam, provavelmente, coerentes com o mesmo campo harmônico da tríade anterior.

¹⁹ A origem grega do conceito de paideia é entendida como a busca do sentido de uma teoria consciente da educação e do agir do homem em sociedade, permanecendo como um ideal arquetípico para a Filosofia. Em sua constituição histórica a Filosofia tematiza de diversas maneiras e em diferentes tradições sistêmicas esta problemática fundante. Este tema emerge como uma questão central no mundo constituído pela prática social dos homens e dele recebe um fundamento racional a partir do século IV a.C.

²⁰ Tríades são compreendidas como uma sequência de notas, da qual selecionamos, não arbitrariamente, mas de forma seletiva, por meio de intervalos, criando uma estrutura, sobreposição de sons, a partir de uma escala musical. Temos quatro tipos de tríades, convencionais: a maior, a menor, a diminuta e a aumentada, definida por tônica, terças e quintas. Perceba a multiplicidade de possibilidades, fora as diversas variações não citadas, tudo para executar uma música.

Então, para a nossa composição aqui, apresento não umas das doze notas da escala cromática para definir o nosso tom, mas uma sentença, já citada por Smith e Vanhoozer, em livros distintos, que sustentará todo o nosso desenvolvimento a seguir: “Creio no cristianismo assim como creio que o Sol nasceu, não apenas porque o vejo, mas porque por meio dele eu vejo tudo mais”. (LEWIS, 2017, p. 138).

3.1 A CRIAÇÃO E A CRUZ

A “tônica” para estabelecer o que irá ocorrer posteriormente, se faz na Criação e na Cruz, não conseguimos enxergar absolutamente nada sem partir de ambos. Isso significa que, a nossa cosmovisão geral, do todo, e cosmovisão específica, como a aplicada à educação, por exemplo, é direcionada plenamente pelo ensino bíblico. “No cânon bíblico, não há distinção entre o Deus que cria e o que redime. Na verdade, a Palavra que cria é a mesma que redime, como sintetiza João, no prólogo de seu Evangelho (João 1. 1-3)”. (MIGUEL, 2021, p. 60).

A Bíblia não só estabelece o ponto de partida (origem), mas dá o norte (ascensão); e nisto se faz singular. Ela não é duas partes distintas, mas um todo integral. Após a perspectiva hermética apresentada, com seu começo (criação), meio (queda) e fim (redenção), concluímos que, partindo da cosmovisão à educação, além do pensar de suas formas e conteúdos abrangentes, resolutos na realidade, deve-se olhar para a eternidade, pois não se deve educar, viver, sem considerar a espiritualidade.

O fato é que, somente a cruz nos livrará do materialismo²¹ e nos aproximará da transcendência, mas, somente a criação nos puxará de volta para o imanente, considerando o mundo natural e a humanidade, como entidades relacionais. Isto é uma das coisas que aprendemos, dos profetas aos apóstolos, por intermédio da fala, que é ato de ação, em Deus.

(...) Deus cria (Jo 1.3; Cl 1.16) e redime (2Co 5.19) por meio de Cristo. Mas, isso não é tudo. Deus também *fala*: pela Palavra, através das palavras da Palavra, através das palavras de outras pessoas a quem a palavra de Deus alcançou (e.g.,

²¹ “Em sua forma mais básica, o materialismo é a crença de que toda a existência é matéria ou derivada de matéria ou processos materiais. Isso levanta questões sobre a natureza da matéria em si, suas propriedades e suas possíveis implicações ontológicas e epistemológicas”. (COPAN et. al., 2018, p. 473)

profetas e apóstolos). Esse é um ponto de grande importância: *falar* é uma das coisas que Deus faz. Falar é um dos atos poderosos de Deus. (VANHOOZER, 2016, p. 63)

3.2 O SER HOLÍSTICO

Após a tônica definida, precisamos considerar a “terça” da nossa tríade. Esta nota musical define se o acorde será maior ou menor. Ambos, podem parecer muito, devido ao seu ponto de partida, mas a sua sonoridade difere muito. Estendo para os nossos ambientes educacionais esta análise, onde muito se discute sobre que ser humano queremos formar. Como já observamos, se trata de uma das perguntas mais importantes, que é precedida pela educação que parte da cosmovisão, e que é respondida por boa parte dos envolvidos em educação com uma formação para a completude da vida.

Concordamos com esta resposta. A formação precisa se firmar neste modo, totalidade da vida, a qual precisa ser constantemente refletida, como já disse Sócrates. Logo, o adjetivo mais requerido ao ‘ser’ aqui é o holístico²², termo qual, abre o leque aos três modos de educação. Então, pensemos no ser holístico, e numa formação voltada para tal, mas antes lembramos o que a sua falta causa. As escolas, incubadoras e precursoras do caminho, apontam para um fim, que não é ela mesma. Observamos quatro ênfases em questão, para a formação nesses centros:

- I. Socialização Escolar: Será a escola espaço para uma formação apenas voltada à socialização? Amenizaria a visão de prisão por parte do aluno, uma perspectiva de assistencialismo?
- II. Mercado de Trabalho: Será a escola espaço para uma formação voltada à inserção do mercado de trabalho? Amenizaria a visão de prisão por parte do aluno, uma perspectiva econômica?
- III. Cultura e Ciência: Será a escola espaço para uma formação voltada ao pensamento científico e cultural? Amenizaria a visão de prisão por parte do aluno uma perspectiva criativa?

²² Que considera o todo não somente como uma junção de suas partes; que busca entender os fenômenos por completo, inteiramente. Que se pode referir ao holismo, à filosofia que busca tudo abranger. Capaz de entender algo partindo do todo.

IV. Integral: Será a escola espaço para uma formação voltada à completude do ser humano? Amenizaria a visão de prisão por parte do aluno uma perspectiva integral?

Todas essas perspectivas são dignas de aceitação, pois procuram resolver uma visão horrível que se tem expandido em relação a escola, já que, por variados prismas, ela possui paralelos com uma prisão²³. O problema é a particularidade dada, e a ênfase particularizada em um só tópico apenas, pois, como divergir ou destacar, quando precisamos mais que nunca relacionar. Sendo assim, qual será a nossa ênfase educacional? Será que precisamos escolher uma apenas? Jamais. A visão holística, procura equilibrar as demandas, e somente ela se faz como melhor opção, para encarmos os nossos modelos educativos atuais em perspectiva.

Lembramos, que nessa adição de notas, a “terça” irá depender da tônica em nossa tríade, logo, só é possível compreender se teremos uma “terça menor” ou “terça maior” se a criação e a cruz já estiverem pressuposta. Isto devido à perspectiva intencional, originada da visão do homem na bíblia, sua coerência e benefício se mostram por valores oriundos dos ditos, que é própria ação do Deus trino. Qualquer ideia holística fora disso, já torna o nosso som totalmente dissonante. Fazendo válido o verso: “Siga em frente olhando para trás, evolua considerando a sabedoria antiga”. (SMITH, 2020, p. 11).

Em outras palavras, uma educação para a formação do ser holístico, depende da hermenêutica educacional acima. Se atribuirmos nosso ponto de partida ao niilismo, existencialismo, monismo, pós-modernismo, ou quaisquer “ismos” que particulariza e reduz a realidade, tentando explicar o todo, pela parte, logo não teremos harmonia no projeto de formar pessoas, no sentido amplo, já que precisamos partir disso para seguir o conceito, e não excluir na escolha a base, e assim redefinir uma prioridade própria.

Como exemplo, observe como a vida já é necessariamente holística, por que a educação para a mesma não seria? Penso que existem ao menos quatro eixos que norteiam o ser humano, e não podemos apenas considerar um deles, pois se integram. Temos nossa

²³ Para uma melhor compreensão do paralelo, ouça: DeMar, Gary. Quem controla a escola governa o mundo. Brasília - DF. Ed. Monergismo, 2017. Principalmente o capítulo: ‘A história de dois ônibus’. Disponível em: <<https://thepilgrim.com.br/catalogue/product/252>>. Acesso em: 25 set. 2022.

vida sendo direcionada pelos fatores: (A) Espiritual - devoção, igreja; (B) Intelectual - estudos, trabalho; (C) Emocional - família, amigos e (D) Corporal - saúde física. Não esqueçamos ainda, que todos estes, assim como as esferas de soberania, pertencem ao nosso Senhor.

Assim, se faz necessária uma perspectiva mesma para o ensino-aprendizagem. Isso não quer dizer que, por essa abrangência, perderemos o *télos*, pelo contrário, apenas reafirmamos a beleza da abordagem, já que é fruto de princípios bíblicos. Por fim, mesmo tendo origem na mesma raiz, o ser holístico pode ser encarado de formas diferentes, devido às sensações causadas diferentes causadas. Então, logo, se entende: “A educação cristã não é a educação secular e humanista com acréscimo de orações e estudos da bíblia. Antes toma-se a Escritura como única regra de fé e prática”. (CALLIHAM; JONES; WILSON, 2017, p. 14).

3.3 PRESENÇA FIEL

Um rápido problema a ser resolvido ao que estamos formando, por meio da metáfora do acorde, que é nada menos que a sobreposição de três notas (tríade) de uma escala determinada tocada ao mesmo tempo, e que por conseguinte gera uma harmonia, é a possibilidade de inversão da execução do acorde²⁴, pois, tanto faz a ordem, correto?

Haverá sempre a alternativa de permutar as notas, mas isso causará efeitos drásticos, mudanças ao executarmos a terça antes da tônica, ou mesmo a “quinta”, qual apresentaremos a seguir. Trabalharemos o que venha ser a conjunção para a nossa tríade aqui, que parte da criação e da cruz, ganha corpo ao olhar do ser holístico, e a agora, a todos, torna público seu testemunho, por uma presença fiel.

Ah, não há nenhuma parte do nosso mundo do pensamento que possa ser hermeticamente separada das demais partes; e não há nenhum centímetro quadrado em todo domínio da vida humana sobre o qual Cristo, que é Soberano sobre todos, não clame: É meu! (KUYPER, 1880 apud NOVAIS, 2022, p. 43)

²⁴ Podemos dizer que um acorde é um grupo de notas, que sempre são tocadas ao mesmo tempo, criando um soar harmônico. Isso vale para qualquer tipo de instrumento. Podemos dizer que os acordes geralmente são usados para criar harmonias, e as notas formam as melodias.

A citação acima tem se tornado essencial para o debate, da condição religiosa e da fé do ser humano, para além do seu espaço privado. Deve-se entender, “(...) em primeiro lugar, portanto, o clichê evangélico de que o culto de domingo é o momento em que ‘entramos na presença de Deus’ precisa cair por terra. Estamos Coram Deo [diante de Deus] constantemente em tudo que fazemos”. (DULCI, 2018, p. 144). Se a cosmovisão cuida da ‘preocupação última’, como disse Paul Tillich, em hipótese alguma podemos ignorá-la ou mesmo escondê-la. Ela será determinante para a nossa intencionalidade, moldando absolutamente tudo o que nós somos, todos os dias de nossa vida.

Assim foi com Kuyper, servo bom e fiel. Sua obra refletiu a sua vida. O intelectual cristão, mais do que declarar, deixou um legado de presença fiel²⁵, mesmo em meio às adversidades. A característica desta postura, que declama: “Tudo pertence ao nosso Deus”, é a falta de vergonha em relação aos seus princípios no espaço público.

Não basta apenas uma cosmovisão, nem mesmo uma piedade, além disso, para uma presença fiel, a exemplo do pioneiro do neocalvinismo, é necessário exercer nossas crenças e competências por meio da participação ativa na sociedade, sem medo do diferente. Se todos possuem convicções, respeitamos todas elas, porém, não abriremos mão da fidelidade que o Deus triuno exige a nós. Apesar de todo desdobramento escatológico que é atribuído ao termo, neste momento trataremos de perspectivas mais presentes do que futuras, do ‘como’, ‘quando’ e ‘onde’, a presença fiel se torna visível.

Primeiro, “não há como desfazer o secular. O que nos resta, portanto, é apenas o dever de aprender como não pensar, crer e viver de forma secular”. (DULCI, 2018, p. 24). É preciso assumir esta sentença como inevitável, para que se possamos contrapor. Segundo, atente-se a pergunta e resposta realizada na obra clássica, o Peregrino: “Ignorância: E quais são os bons pensamentos a respeito de nós mesmos? Cristão: Aqueles que concordam com a Palavra de Deus”. (BUNYAN, 2017, p. 168). Se assumir o estado do nosso mundo é situação primária, salgar este mundo, é condição necessária.

Se submeter o quanto antes a revelação, a partir da Palavra de Deus, nos mostrará, tanto nas liturgias do dia a dia, quanto nos hábitos intelectuais da mente, uma completude

²⁵ (I) A solução não é um aumento de poder, mas uma influência mais estratégica e autêntica. A “presença em fidelidade”, uma expressão de Hunter, implica sacrifício, submissão, uma qualidade oposta ao domínio e a antítese da celebridade. (II) Hunter argumenta que o modelo de “mudar o mundo”, de forma totalizante, é um modelo irrealizável, e que devido à excessiva politização, gera um mau testemunho. Segundo ele o caminho melhor seria, ao invés de “transformação”, uma “presença fiel”, atingindo os lugares em que estamos, sem pretensões de “mudar o mundo”.

de enxergar a vida, que se distancia da maneira ignorante de caminhar. Ainda, entrelaçando, de modo adequado, a terceira das quatro perspectivas da relação entre ciência e religião de Ian Barbour²⁶, a de diálogo, destacamos que, “(...) a fé não precisa morrer, só precisa pensar; (...) a razão não precisa morrer, só precisa dobrar os joelhos”. (MADUREIRA, 2017, p. 27). A fé e a inteligência, precisam estar juntas, numa relação dialógica, como é na dimensão espiritual, a trindade divina. Este será o como do exercício de nossa vocação, traduzindo o idioma do Reino dos céus, servindo uns aos outros, em todas as esferas.

Podem nos dizer que a melhor forma de servir a Deus no nosso trabalho é ser uma pessoa honesta e evangelizar os nossos colegas. Ou promover a justiça social. Ou simplesmente fazer um bom trabalho de qualidade. Ou criar beleza. Ou trabalhar com uma motivação cristã de glorificar a Deus impactando a cultura. Ou ter um ‘coração grato, alegre, transformado pelo evangelho’. Ou fazer o que te parece mais gratificante. Ou ganhar o máximo de dinheiro possível e ser generoso. (KELLER, 2020 apud WARREN, 2021, p. 127)

Conectar o nosso estudo, conseqüentemente o trabalho e a fé, ainda é uma das grandes dificuldades da cristandade, pois muitos ainda se asseguram na perspectiva dual, em relação a bíblia e oração, antagônicas a nossa vida ordinal.

Nada mais enganoso. Cristãos, ao longo do tempo, no espaço que for, de filósofos e cientistas, já mostraram que não precisamos divorciar, ou domesticar a nossa fé, já que ela deve estar sempre presente em nossos empreendimentos. Tome como exemplo a conversão de Saulo de Tarso²⁷, observamos a sua mente e coração, cosmovisão, totalmente transformada a partir do encontro com Deus. Porém, o que não se vê, é o abandono do seu trabalho²⁸. A relação entre fé e trabalho é tão séria que nem o próprio Jesus Cristo, o Deus encarnado, abandonou as funções ordinárias, labuta diária, já que elas nunca foram menos espirituais, em relação aos trabalhos que denominados eclesiásticos.

Uma presença fiel, principalmente no trabalho, irá procurar dosar os tipos de serviço a Deus, já que há diversos modos de glorificarmos o seu nome para além da esfera da igreja, sem deixar de compreender o seu papel no plano da salvação. Os variados

²⁶ Para uma apresentação dos quatro modelos de Ian Barbour, da relação entre ciência e religião, ver: MCGRATH, Alister. *Ciência e Religião: Fundamento para o diálogo*. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2020, (p. 24-32)

²⁷ Atos dos Apóstolos, 9, 1-9.

²⁸ Ibid., 18, 1-4.

modos tornaram vivos, do lado de fora de nossa casta, a soberania divina. Aplica-se esta ideia àqueles que foram chamados para ensinar, mesmo disciplinas que se envolvem com as ciências, naturais e humanas, e não necessariamente o ‘texto bíblico’. Mesmo que o espaço não seja confessional, o educador, seja no “Egito”, “Babilônia” ou contexto que for, ainda será uma presença fiel, em amor daquele que o chamou.

Imagine: ensinar não apenas religião, mas álgebra, do ponto de vista cristão! Isso foi feito. Ensinavam-nos que todos os fatos e suas relações, numéricas e outras, são o que são por causa do plano todo-abrangente de Deus a respeito deles. Assim, a própria definição das coisas não seria só incompleta, mas basicamente errada, se Deus fosse deixado fora do quadro. (VAN TIL, 2012, posição 377)

Com nosso acorde agora completo, a tônica: ‘criação e cruz’, a terça: ‘ser holístico’ e a quinta: ‘presença fiel’, temos a alegria de ver pelo ouvir, e sentir uma harmonia reorientada, da qual pode nos guiar, agora, do temporal transitório, ao que já pode ser antecipação do eterno. “Cristão: Certamente, creio eu, quando chegar ao portão da cidade, o Senhor de lá me reconhecerá como um dos seus, pois trago a sua capa às costas, que ele me deu gratuitamente no dia em que me despi dos meus trapos”. (BUNYAN, 2017, p. 57).

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo; AQUINO, Tomás de. **De Magistro**. Campinas – SP: Ed. Kíron, 2017.
- ARANHA, Maria L.A. **Filosofia da Educação**. São Paulo – SP: Ed. Moderna, 2006.
- BARTHOLOMEW, C. G.; GOHEEN, M. W. **O Drama das Escrituras**. São Paulo – SP: Ed. Nova Vida, 2017.
- BÍBLIA, N. T. Colossenses. In BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia**: Antigo e Novo Testamentos. Tradução Nova Versão Internacional (NVI). Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2018. p. 807.
- BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 25 set. 2022.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <[Federal de 1988 Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada](#)>. Acesso em: 25 set. 2022.
- BUNYAN, John. **O Peregrino**. São Paulo – SP: Ed. Mundo Cristão, 2017.
- CALLIHAM, Wesley; JONES, Douglas; WILSON, Douglas. **Educação Clássica e Educação Domiciliar**. Brasília – DF: Ed. Monergismo, 2017. (Ebook Kindle)
- CLOUSER, Roy A. **O mito da neutralidade religiosa: Um ensaio sobre a crença religiosa e seu papel no pensamento teórico**. Brasília – DF: Ed. Monergismo, 2020. (Ebook Kindle)
- COMENIUS. **Didática Magna**. São Paulo – SP: Ed. Martins Fontes, 2011.
- COPAN, Paul *et al.* **Dicionário de Cristianismo e Ciência**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2018.
- DE KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. São Paulo – SP: Ed. Mundo Cristão, 2017.
- DULCI, Pedro. **A vida do lado de fora**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2021.
- DULCI, Pedro. **Fé cristã e ação política**. Viçosa – MG: Ed. Ultimato, 2018.
- FONTES, Filipe. **Educação em casa, na igreja, na escola**. São Paulo – SP: Ed. Cultura Cristã, 2018.
- GATTO, John Taylor. **Emburrecimento programado**. Campinas – SP: Ed. Kíron, 2017.
- LAGO, Davi. **Brasil Polifônico**. São Paulo – SP: Ed. Mundo Cristão, 2018.
- LEWIS, C.S. **O peso da glória**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2017.
- MADUREIRA, Jonas. **Inteligência Humilhada**. São Paulo – SP: Ed. Nova Vida, 2017.
- MADUREIRA, Jonas. **Tomás de Aquino e o conhecimento de Deus**. São Paulo – SP: Ed. Nova Vida, 2021.

MIGUEL, Igor. **A Escola do Messias**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2021.

NOVAIS, Tiago de Melo. **Neocalvinismo: tradição e fundamentos**. São Paulo – SP: Ed. Mundo Cristão, 2022.

O que significa "acorde"? **Música dot** – Teoria Musical:
<<https://www.musicdot.com.br/artigos/o-que-sao-acordes>>. Acesso em: 24 set. 2022.

O que significa "educare"? **Dicio** – Dicionário etimológico:
<<https://www.dicionarioetimologico.com.br/educar/>>. Acesso em: 27 set. 2022.

O que significa "graça comum"? **Monergismo** – Graça comum:
<http://www.monergismo.com/textos/pneumatologia/graca_comum_grudem.htm>. Acesso em: 28 set. 2022.

O que significa "holístico"? **Dicio** – Dicionário online:
<<https://www.dicio.com.br/holistico/>>. Acesso em: 24 set. 2022.

O que é "MEC"? **Ministério da Educação** – Institucional. Disponível em:
<<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=32681:apresentacao>>. Acesso em: 27 set. 2022.

O que é "paidéia"? Paidéia – **Grupo de estudos e pesquisas em Filosofia da educação**. Disponível em: <<https://www.paideia.fe.unicamp.br/sobre-o-paideia/o-que-e-paideia>>. Acesso em: 27 set. 2022.

O que significa "pragmatismo"? **Dicio** – Dicionário online:
Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pragmatismo/>> Acesso em: 27 set. 2022.

O que é "prática pedagógica"? **Gestrado – Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente**. Disponível em:
<<https://gestrado.net.br/verbetes/pratica-pedag-gica/>>. Acesso em: 27 set. 2022.

O que significa "presença fiel"? **Lausanne Org** – Argumentação I:
<<https://lausanne.org/pt-br/recursos-multimidia-pt-br/agl-pt-br/2017-09-pt-br/transformando-o-mundo-atraves-de-uma-presenca-em-fidelidade>>. Acesso em: 25 set. 2022.

O que significa "presença fiel"? **Guilherme de Carvalho** – Argumentação II:
<<https://guilhermedecarvalho.com.br/2020/07/01/8-a-teologia-da-missao-e-a-linguagem-da-transformacao/>>. Acesso em: 25 set. 2022.

O que significa "projeto político pedagógico"? **SESA – Escola de Saúde Pública do Ceará**: <<https://ppp.esp.ce.gov.br/introducao/>>. Acesso em: 27 set. 2022.

O que significa "télos"? **Significados** – Glossário educacional:
<<https://www.significados.com.br/teleologia/>>. Acesso em: 04 set. 2022.

SILVA, Jefferson de Melo. **O currículo da Matemática: Do processo de mudança na história da educação às propostas mais contemporâneas**, 2021. Disponível em:

<<http://pergamum.ifsp.edu.br/pergamumweb/vinculos/00006b/00006b72.pdf> >. Acesso em: 17 set. 2022

SIRE, James W. **Dando nome ao elefante: Cosmovisão como um conceito**. Brasília – DF: Ed. Monergismo, 2012. (Ebook Kindle)

SMITH, James K. A. **Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural**. São Paulo – SP: Vida Nova, 2019.

SMITH, James K.A. **Na estrada com Agostinho**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2020. (Ebook Kindle)

SMITH, James K. A. **Você é aquilo que ama**. São Paulo – SP: Ed. Nova Vida, 2017.

VANHOOZER, Kevin. **Discipulado para a glória de Deus**. São Paulo – SP: Ed. Nova Vida, 2022.

VANHOOZER, Kevin. **O Drama da Doutrina**. São Paulo – SP: Ed. Nova Vida, 2016.

VAN TIL, Cornelius. **Porque creio em Deus**. Brasília – DF: Ed. Monergismo, 2012. (Edição do Kindle)

WARREN, Tish W. **Liturgia do Ordinário**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Thomas Nelson, 2021.